

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anuncios, 20 réis por linha — Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis — Semestre, 1\$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 131

SEXTA-FEIRA 3 DE OUTUBRO DE 1862

SEGUNDO ANNO

AVEIRO

A impaciencia, que se espalhou por todo o paiz de obter estradas, e em todas as direcções possíveis, tornou-se em delirio que chega a assustar os proprios governos. Ha, porem ali motivo para uma observação curiosa, por que essa impaciencia denota innegavelmente uma vantajosa actividade do espirito publico, e um interesse sincero pela realisacão dos melhoramentos de maior utilidade geral.

Na ha povoação, não ha burgo, não ha casal remoto e isolado, onde não haja um proprietario que sonhe com a possibilidade de lhe passar ao pé da porta uma estrada. Projecta-se ligar duas povoações; surgem logo pretensões de toda a parte; o projecto deve ter estes pontos forçados, evitar aquelles obstaculos, tomar tal direcção. Põe-se em jogo interesses, sempre respeitáveis, mas as vezes inatendiveis; e no meio destas lutas de pretensões oppostas não é raro escolher-se o peor.

No entretanto nós preferimos esta soffreguidão do progresso, estas paixões aguçadas pelo interesse local, á inercia dos povos d'uma das nossas serras, celebres pela sua rusticidade, a quem fallando-se na necessidade de solicitarem que lhes passasse proximo uma estrada, que se ia construir, responderam: «deixemo-nos de estradas; os nossos caminhos de serra livram-nos de muitos incommodos; se não fossem elles teriam vindo os francezes á nossa aldeia.» Esta resposta que define uma povoação, é a resposta de um hottentote, que a luz da civilisacão apavora; e seguramente é menos comprehensivel nesta epocha e no centro da Europa do que aquella impaciencia.

Neste districto, uma das estradas que tem ultimamente posto em jogo maior numero de interesses é a de Ovar a Oliveira d'Asemeis. Tem-se feito diversas sollicitações, já se mandaram organizar dous projectos, por directrizes diversas, e existem ainda vacillantes as opiniões no meio dos encontrados alvitres, e das oppostas pretensões. Empenhando-nos particularmente por tudo o que diz respeito a este districto, não nos dispensamos de usar d'algumas informacões seguras que obtivemos, e lançar no meio da controversia, o nosso humilde voto, protestando todavia o nosso respeito por todos os interesses que ahí se acham empenhados, e que porventura possamos ir contrariar.

O primeiro ponto que nos parece conveniente discutir é o fim que a estrada tem em vista. E' atravessar uma certa area, e por em contacto as povoações intermedias com as duas extremidades? Atalharemos já uma observação que podem fazer-nos, no supposto de que todas as estradas tem em vista mais ou menos estes dous fins. A estrada de Ovar a Oliveira foi pedida por representacões das duas municipalidades, que se entenderam na mutua conveniencia de obterem este melhoramento. Qual foi pois a principal base dessa conveniencia?

Analysando a importancia economica das povoações intermedias, qualquer que seja o traçado que se adopte, nenhuma desperta a ideia de que a estrada tenha principalmente em vista ligal-as, ao passo que as relações que existem, e o proprio vulto de Ovar e de Oliveira d'Asemeis, dizem claramente que o fim principal é ligar estas duas villas. D'aqui um corollario immediato: que se deve escolher o traçado mais curto.

Os dous traçados já feitos, um pelo sr. Vicente de Moura, habil conductor da direcção do Porto, outro pelo sr. engenheiro Correia da Silva tomaram direcções oppostas. O primeiro pelo sul atravessa as povoações de Cada-val, Pereiro, Castro, Passo, Espinheiro e Madal; e é o mais curto; o segundo pelo norte, atravessa as povoações de Cabrito, Cabanões, Souto, Villa Nova e Coutada, seguindo daqui a entroncar na estrada real, ou logo em direcção a Oliveira. Tem este ultimo uma differença de desinvolvimento a maior aproximadamente de 2 kil.

Por esta unica consideração, deviamos já deceder-nos por aquelle traçado. Mas, quando mesmo quizessemos attender á importancia das povoações intermedias, ainda o do sul levaria notavel vantagem. Corta este pelo menos duas ou tres freguezias populosas, e passa perto d'outra, Vallega, que tem certa importancia, e é tambem bastante populosa. O do norte atravessa Cabanões e Souto, que não são destitui-

das de importancia, tem a vantagem de passar a pequena distancia da serra da Agousida, onde se extraem grandes porções de pedra granitica, da qual parte vem até para esta cidade, por Ovar, mas não pode ainda assim fecundar tantos e tão attendiveis interesses.

Nós não podemos avaliar tecnicamente nenhum dos dous traçados; mas sabemos muito bem que os homens competentes, que os tem estudado, não disfarçando as difficuldades que ambos offercem nas proximidades de Oliveira d'Asemeis, em consequencia da subida do rio U, se inclinam pronunciadamente pelo do sul. Consta-nos que tal era a opinião do proprio sr. Corrêa da Silva, que foi mandado *determinadamente* estudar o traçado do norte.

Quaes são as razões que podem pois fundamentar a adopção deste ultimo traçado? Não vemos nenhuma plausivel. O interesse das povoações, que já citamos, e que nelles se acham empenhadas, apenas nos fazem desejar a confecção de um outro projecto de estrada de Ovar a S. João da Madeira. Se devem attender-se, apesar da propinquidade da estrada real, cremos que deve ser desse modo.

Escrevendo ha tempos sobre esta estrada d'Ovar a Oliveira, dissemos já que nos não oppunhamos a que ella se fizesse, como nos não oppunhamos a nenhuma outra contanto que fosse feita em boas condições, e aguardando a occasião de não prejudicar outras de mais immediato interesse publico. E' o que não podemos dispensar-nos de repetir, ao terminar este artigo, porque é realmente inadmissivel este sistema de complicar umas obras com as outras, adiantando todas morosamente, e disputando a umas e outras as condições em que ellas podem melhor aproveitar ao seu fim.

A. P.

O *Campeão* tem a innocente vaidade de julgar sempre os seus adversarios derrotados pelo vigor da sua argumentação. Engrinalda a fronte de louros antes que o publico l'haos decete, e apronta logo a bandeira da misericordia para os vencidos, declarando se «avessos a abusar das vantagens que tem.» Pela nossa parte agradecemos.

Mas, se nos dão licença, os nossos argumentos estão de pé. Ainda nos não provaram que o Codigo auctorisasse o chamamento do conselheiro mais velho para gerir a administração superior do districto, em quanto os respectivos governador civil e secretario geral estavam funcionando como taes, dentro da area do mesmo districto. Não nos destruíram tambem a asseveração de que houve um tempo em que duas entidades distinctas, os srs. Basilio Cabral e Francisco Thomé, estiveram simultaneamente funcionando como governadores civis do districto d'Aveiro, sendo portanto um corpo com duas cabeças. Ora é nestes dous pontos que reside a controversia.

Apontam-nos alguns inconvenientes de ficar a secretaria sem chefe, não chamando o conselheiro mais velho para a dirigir. E' exactamente com isso que nada temos. Não havia meio algum de obviar a esses inconvenientes senão aquelle que se adoptou? Havia de certo. Havia até um bem simples; que consistia em não ter ido para Sever do Vouga o sr. secretario geral, acompanhado o sr. Basilio um dos segundos officiaes, em quem s. ex.ª depositasse igual confiança. Mas nós não discutimos essa questão. Não vá já o articulista inverter, segundo o costume, os argumentos, dizendo que nós queriamos que se fizesse isto ou aquillo; não é pelos nossos conselhos que a auctoridade se dirige: o que nós não queriamos é que se fizesse, o que se fez, por que é manifestamente illegal. E é sobre isto que insistimos.

Para que o *Campeão* se não queixe de lhe dizermos que inverte os argumentos, vamos já apontar-lhe um exemplo.

Nós dissemos no nosso precedente artigo que «já em casos analogos a machina administrativa tinha funcionado *sem desarranjo*, e sem encomodar o conselheiro mais velho», e concluímos: «o caso agora é que foi especial». Transcrevendo este periodo, o *Campeão* commenta-o assim: «Se o caso foi especial, porque estranhou a especialidade das providencias que se tomaram para o remediar? Concordam no final, mas as conclusões não combinam com as promissas. Ensaaiaram a censura etc.»

Era claro que a especialidade do caso a que nos referimos, estava nas providencias tomadas, e tanto que nós fallavamos na analogia de circumstancias em que a machina administrativa ti-

na funcionado sem desarranjo. O articulista tambem assim o entendeu, queremos crê-lo, porque fazemos mais justiça á sua intelligencia do que elle costuma fazel-a á dos outros, e porque logo abaixo o demonstrou; mas gosta de se entretar com estas bagatellas de espirito. Chama-se isto andar aos grillos.

Assevera-nos o *Campeão* que o sr. ministro do reino fôra prevenido da illegalidade. Temos obrigação de o acreditar. Mas o que não nos diz é qual foi a opinião de s. ex.ª. Approvou-a? Tíhamos curiosidade de saber-o, posto que a opinião do ministro não faça lei, nem deva ser bastante para fazer valer a errada interpretação d'ella.

Desejavamos acreditar do mesmo modo o que nos diz com relação a haver exemplos de se ter procedido, em casos analogos, como procedeu o sr. Basilio Cabral. Neste districto não nos consta que os haja. E' possível, porem, que nos-os possamos citar d'outros districtos, porque de illegalidades é abundante a chronica deste paiz.

Mas ainda assim que prova isso? Unicamente que mais alguém interpretou mal a lei.

Não sabemos a que proposito vem o exemplo da vinda ao Porto d'um ministro de estado a tratar de negocios financeiros, em quanto um dos seus collegas lhe ficava com as pastas. Explique-nos o articulista, por favor, a analogia dos dous casos. Nós não deparamos no Cod. Adm. com disposição alguma relativa á viagem dos ministros.

A' nossa pergunta sobre a graduacão relativa dos srs. Francisco Thomé e Basilio Cabral, em quanto ambos funcionaram como governadores civis deste districto, um em Sever, para o inquerito dos acontecimentos da Malhada, outro em Aveiro para dirigir as «variadas provincias da administração districtal», ainda desta vez nos não responderam. Paciencia. Passaremos sem o saber.

Notaremos ainda a outra inversão que o *Campeão* nos fez. Nós não buscamos auctoridades para corroborar a nossa opinião; mas como elle se acobitou á do sr. Francisco Thomé, respondemos-lhe que se a questão se decidisse por auctoridades, nós talvez encontrásemos mais em nosso favor. Agora replica-nos de modo que se entende que fomos nós que quisemos fazer valer o argumento da auctoridade! Vamos: costumem-se a prescindir destes pequenos expedientes, que deturpam uma questão seria; e devem ser desnecessarios a quem tem obrigação de possuir outros.

A polemica parece-nos que termina aqui — pela nossa parte. O ponto controvertido era se o sr. Basilio Cabral se podia julgar impedido, nos termos do artigo 223 do Cod., em quanto funcionava em Sever do Vouga como governador civil do districto. Apesar do *Campeão* nos representar *batido nos ultimos entrancheamentos* ainda ninguem demonstrou, em boa hermeneutica, a legitimidade desse impedimento. O resto das *razões* de que se tem mesclado a questão principal, são, em parte dices d'espirito, que não instruem o leitor e de que vale a pena prescindir para que a controversia acabem.

A. P.

Nada é mais lisongeiro e grato do que a noticia dos bons officios da nossa constituição interpa — do que o certificado dos generosos effeitos das nossas instituições domesticas.

São nossas; n'esta qualidade tem a razão grandiosa do nosso affecto aos seus creditos, — dos nossos sinceros desejos pela sua honrosa effiacacia; e é com desvanecimento que as vemos exaltar-se pela benefica direcção da sua actividade.

Mas ha um elemento particular de vida publica, um principio fecundo de sociabilidade humana, que a todos sobreleva, e que especialmente provoca as nossas attentões, porque quer a ordem das cousas, que a elle estejam sujeitos os mais importantes direitos sociaes. E' o instrumento distributivo da justiça, é o regulador da inculcação generosa deste principio alimentar na sociedade, — é o mecanismo particular que se diz = poder judicial =. Egide da segurança e ordem civil, pôde dizer-se que este elemento activo da justiça é o metro da civilisacão d'um povo, — é o rotulo brilhante da sua effiacaz cooperacão para a grande obra do progresso social.

Por isso se este principio tutelar se não manifesta no grandioso empenho que lhe é proprio, illude-se a sua missão de confraternidade e harmonia humana; e aquelle a quem ella cabe, como honrosa agencia, incorre na responsabilidade do que precipita a sociedade no voraginoso sorve-

douro da anarchia geral. Pelo contrario, porem, o seu promotor sollicito, que por comprehensão honrada dos deveres publicos sublima este mandato popular no uso direito, intelligente e probodelle, é não só credor do respeito, mas sobretudo da gratidão da sociedade, como quem para ella trabalha na munifica dedicacão, do que soube fecundar a incumbencia que lhe coube na distribucão das funcções humanas; e a imprensa não se pôde subtrahir pelo silencio á menção gloriosa dos seus actos, quando sejam o credito desta instituição.

E' nesta conformidade que com summo prazer annunciamos um acto judicial, notavel pela inteireza e dignidade publica, que nelle se desenvolve, menos vulgar pela natureza extraordinaria do seu objecto e circumstancias, e que nós nos ufanamos de poder chamar um glorioso triumpho da nossa justiça.

O recente julgamento do reu Antonio Rodrigues da Silva Castanheira, pronunciado no crime de ferimento na pessoa do illm.º sr. Antonio de Magalhães Mexia de Baião Salema, juiz de direito, que a esse tempo era da comarca occidental do Funchal, ilha da Madeira, no dia 25 de agosto de 1860 no exercicio de suas funcções judiciaes, e por occasião dellas — tal é o facto a que nos referimos.

O crime, que fez objecto deste julgamento é, como se vê, da ordem d'aquelles, que raro se verificam no nosso paiz; e revestido nesta singularidade de circumstancias, que lhe aggravaram a criminalidade, como ser o agredido o proprio juiz territorial e em pleno uso de suas prerogativas, e o aggressor seu subordinado na hierarchia judicial na qualidade de juiz eleito.

Por isso grande parte da imprensa portugueza jazia n'uma justa expectativa, que hoje satisfazemos noticiando-lhe a soluçãõ dessa importante pendencia criminal.

Ao illustrado juiz de direito actual-da comarca occidental do Funchal o sr. dr. Caetano José Gomes Monteiro é que coube desaffrontar o poder judicial da verdadeira presençã d'uma violencia, cuja impunidade seria a proclamação por sentença passada em julgado da auctorisação ao desacato dos agentes da justiça social e a mais absoluta desauthorisação desta.

Se se deixa na verdade apagar o resplendor do luminoso prestigio, que deve cercar esta manifestação da soberania popular, — se alem disso a força publica da opinião se nega a segundar a justiça no necessario intuito de fazer manter a sua tenacidade e inviolabilidade, como poder social, desconhecera alguém, que em tal caso a ordem seria uma mentira — um engano apenas; a tranquillidade uma ironia insultante?

Todavia por uma dessas irregularidades inexplicaveis da intelligencia humana, por um desvairamento inqualificavel do bom senso ha ou tem havido quem partilhe destes revoltosos principios, quem auctorise estas theorias execraveis d'insubordinaçãõ, de verdadeira guerra domestica! O reo, o transgressor, o profanador das santas leis da inviolabilidade, com que se abroquella o funcionalismo judicial, tinha, com honrosas excepções, a sympathia do povo madeirense, e a sua imprensa determinava-se por um modo menos cordato em seu favor; mas nem a má cooperacão deste desviado instrumento da sociabilidade, nem o prestigio facinoroso, que, como um veo negro de triste celebridade, envolvia o reo, prejudicaram por forma alguma a justiça; e a condemnação final do reo em degredo para a costa occidental d'Africa está dando o testemunho mais honroso da rectidão e dignidade judicial a mais bem definida, — rectidão e dignidade tanto mais sensivel, quanto o é a circumstancia do reo, pela sua qualidade politica, ser julgado independentemente de jury.

Louvor por tanto ao digno juiz, parabens aos nossos tribunales judiciaes, honra á nossa magistratura por encerrar em si tanta independencia de juiz, tanta illustração, e tanta dignidade!

Esperamos ao menos, que estes rasgos sublimes de justiça não escapem aos poderes publicos, e que elles tenham o premio condigno. Estimular a probidade é um dever dos governos, que comprehendem a sua missão, e se se desenvolve indifferença em premiar os bons officios do funcionalismo publico não esperemos, que só a sua dedicacão, aliada ás vezes a penosas situações, opere o que a governaçãõ publica podia promover com os seus cuidados.

O juiz por este acto, como por todo o seu longo e honrado tirocinio judicial merece as contemplações do governo.

Em seguida damos a conclusão do relatório feito pelos officiaes do estado-maior de Garibaldi, a bordo do vapor «Duque de Genova».

«O chefe superior era o coronel, Marquez de Palavicini de Priola.

«Da provincia de Catanzaro tinhamos noticia de que se vinham juntar aos nossos 25 a 30,000 homems, noticia que foi depois confirmada pelo proprio Palavicini.

«Em Scylla havia varios navios marcantes e de guerra.

«O general Cialdini estava em Genova.

«O contra almirante Albini commandava a esquadra.

«Os mortos de um e de outro lado são poucos; e os feridos são menos.

«Desarmamentos acompanhados de actos e expressões brutaes no momento da confusão houve muitos. Sentimol-o do fundo d'alma, principalmente pelo que os commetteram.

«Não qaeremos nem podemos citar os particularmente, suppondo-os pelos sentimentos excelsivamente individuaes.

«Quasi todas as bagagens se perderam, verdade é que ninguem pensava em as apreliender. Tambem é certo que houve necessidade de mandar restituir algumas malas, que o coronel Palavicini pela parte que lhe tocava ordenou que se averiguasse aonde paravam, e dispoz des meios para que fossem entregues.

«Pela nossa parte fizemos restituir uma carabina, que um caçador tinha apanhado.

«Já dissemos que até foram entregues as espadas que varios officiaes tinham deposto.

«Verificou-se o desarmamento. Começava a escurecer.

«Improvisamos uma ambulancia para transportar o general. A mudança devia ser triste e perigoso o encargo para os officiaes e soldados que acompanhavam.

«Os caçadores commandados pelo coronel Pinelli iam de guarda a tudo.

«Por um caminho fadigoso, e cheio de altos e baixos, depois de uma hora ou pouco menos, de marrela, chegamos a uma habitação aonde se haviam recolhido os feridos.

«Perguntou-se ao general se queria passar a noite ali, e respondeu que preferia ir mais além até chegar qualquer outra casa de campo, ou algum albergue aonde podesse estar só.

«A pouca distancia e para a direita, deviamos encontrar, e effectivamente encontramos a cabana do Pastor Vicente, antigo conhecido de alguns dos nossos que tinham ido á Calabria em 1860.

«Proseguimos n'esse caminho, que foi mais extenso sobre tudo mais difficil do que o primeiro lanceo.

«Os balanços occasionados pela desigualda, de do caminho, eram para nós dolorosissimos pensando nas dores que deviam causar ao general e todavia não lhe ouvimos um gemido nem um lamento.

«Mandamos adiante para melhor segurança alguns exploradores, que acenderam lume para servir de guia aos que seguiam a traz.

«Os primeiros que chegaram mandaram arranjar da melhor maneira possivel uma cama com palha e capotes.

«A comitiva chegou á granja depois de trez compridas horas de caminho, já depois de haver anoiitecido muito.

«A lua brilhava tristemente.

«O silencio era profundo, só o interromptia de quando em quando o ladrar dos cães d'aquelles rusticos albergues. Ali preparamos agua para lavar os ferimentos. Pedimos caldo, e fez-se de carne de cabra, a unica que havia n'aquelle lugar. Os medicos começaram então a cumprir o seu dever. Era já meia noite.

«Ao romper do dia procuramos uma especie de maca mais commoda e mais solida.

«As seis horas da manhã sahimos para Scylla.

«E' inutil repetir o que era o caminho. Quasi sempre andavamos de despinhadeiro em despinhadeiro.

«Quando chegamos aos aposentos chamados de Santo Angelo, resolvemos parar meia hora para que o general podesse descansar.

«Os medicos renovaram o tratamento; preparamos-nos effectivamente, e fizemos com que elle tomasse um pouco de caldo; o general surriuse e agradeceu-nos.

«Quando o calor do sol começou a encommodar, formamos-lhe uma cobertura com folhas de loiro.

«A final, ás duas horas da tarde chegamos a terra da Sicilia. Julgavamos achar disposta alguma casa na parte elevada do paiz, onde o general podesse descansar. Mas não aconteceu assim. Disse-se-nos que a casa estava preparada, mas na parte baixa junto ao mar.

«O coronel Palavicini tinha ido á Sicilia na tarde do dia antecedente. Veio ter commosco, e soubemos que tinha recebido do governo instrucções mui severas, prohibindo o general que embarcasse em um navio inglez. Não se consentia que se fizesse acompanhar dos seus officiaes, cuja lista tinha sido entregue no dia anterior.

«O general soube-o e não lhe causou novidade. Disse só e muito brandamente aos seus officiaes: «Ah! com que me enganaram.»

«As resoluções do governo eram;

«Que o general Garibaldi fosse embarcado a bordo do vapor *Duque de Genova*, com seu filho.

«Que só podessem acompanhal-o dez officiaes seus.

«Pediram-se algumas ordenanças.

«O general não quiz descansar na casa para esse fim preparada, preferindo embarcar logo.

«A fragata a vapor estava prompta.

«Deu-se aviso para se mandarem lanchas, esperamos por ellas; passados uns vinte minutos chegaram as duas lanchas. Os seus marinheiros iam armados porque tinham tido que lutar com o inimigo.

«Embarcamos e fizemos rumo para o navio que nos tinha sido destinado. Passamos pela frente do vapor *Estrella da Italia*.

«Ninguem saudou. Nós tambem passamos de largo sem saudar.

«A lancha que conduzia o general passou livremente.

«A segunda foi mandada demorar pelo contra almirante Albini.

«A'quelles senhores pareceu talvez que havia duas ordenanças de mais, e o contra almirante Albini em pessoa, que vinha em outra lancha mandou em nome do general que sabisse uma das ordenanças.

«Para ordens tão importantes, communicadas nada menos do que por um general, tinha vindo um contra-almirante.

«Respondemos que as manciaras rudes não eram convenientes, que quando nos mettemos no barco o tinhamos feito em regra; isto é, conforme tinhamos sido chamados.

«Mandaram-se cumprir as ordens do general Cialdini, sahir as duas ordenanças e entrarem em outro barco.

«A lancha em que ia o general foi collocada em um aparelho suspenso por meio de cordas, até acima da cobertura da fragata, a certa distancia d'esta sobre o mar. Depois deu-se ordem para baixar, aproximar-se e entrar na cobertura.

«O general estava sentado, e elle proprio deu ordem para a melhor disposição da manobra. Os marinheiros contemplavam-no atonitos e admirados.

«De repente achamo-nos todos a bordo.

«Acompaulham o general trez medicos: Albenesi, Biari, Rihori, seu filho Menotti, seu confidente Basso, Bruzzi, Bilesschini, Corte, Cattabone, Cairolí, Frigyeri, Guastalla, Manis, Malato e Nullo.

«Poucos minutos depois de entrarmos a bordo, chegaram as duas ordenanças, esperadas. Havendo os dois mancebos observado que o coronel Palavicini não se tinha opposto ao seu desembarque, o general Cialdini dignou-se permitir que voltassem.

«A recepção dos amigos commoveu extremamente; todos se descobriram gritando: —Viva Garibaldi! —a Roma — a Roma! — O general saudou com a mão.

«Nós entrámos para bordo, e os nossos companheiros foram para o castello do Scylla, enquanto se nos dissesse que era só por uma hora, e que depois deviamos ser embarcados. Para onde, não sabemos.

«A bordo do *Duque de Genova* fomos tratados com extraordinaria cortezia.

«Para onde vamos?

«Para Spezzia, nos disseram.

«E depois?

«Ha prego que o governo tinha sellado, que segundo as noticias que temos, contem instrucções de que nos dizem respeito.

«Tudo é copia do original assignado por — (seguem as assignaturas de quinze officiaes do estado-maior.)»

CORRESPONDENCIAS

O sr. Elias Fernandes Pereira dirigiu-nos a carta, que em seguida publicamos. Cumpre-nos declarar, que a local a que a mesma se refere não é do dito sr., e foi remettila a esta redacção por um nosso amigo.

Sr. redactor.

Rogo-lhe o obsequio de no proximo numero do seu jornal, o *Districto de Aveiro*, declarar de baixo de palavra de honra, se a local inserida no n.º 129 do mesmo jornal com a epigraphie de — Morte — causada n'um individuo d'Arada, que andava trabalhando no caminho de ferro, foi ou não foi dada por mim.

Sou com estima

De v. etc.

Aveiro 2 de outubro de 1862.

Elias Fernandes Pereira.

Sr. redactor.

Anadia 28 de setembro de 1862.

Ha certos mastins lazentos, e covardes, que, quando receiam o castigo applicado por algum transeunte, a quem tenham sujado com a baba immunda, fogem para caza, para d'ahi atordoarem a vizinhança com seus uivos destemperados.

Um d'esses animalejos importunos, e repugnantes dizia eu, que era o sr. A. M. S. de Algueres, se me não pezara fazer ainda grave injuria a aquellos quadrupedes, que são nojentos, e fanfarrões, mas não preverosos.

Aquelle miseravel n'uma correspondencia inserta no n.º 1067 do *Campeão das Provincias*, quer fingir-se insultado por eu lhe chamar escriptor —parvalheira,— e aspirante a litterato,— e para se desagravar vem todo ufano, e com aspecto façanhado ao campo da imprensa regougar uma serie d'insultos, e disparates, atinentes ás pessoas de baixa estirpe, e de má educção.

Coitado! escreve, o que lhe ordenam, é um instrumento vil, que serve o seu senhor com o fim de estabelecer para certos fins a discordia

entre dois concelhos vizinhos, e amigos, desacreditar a terra, que tão bem o tem acolhido, e consequentemente pessoas, a quem devia ser grato!!!

E' verdade, que no meu communicado pretendi miosiar alguns escriptores da comarca com o epitheto de—parvalheiras,— que hoje retiro, para o fazer recahir exclusivamente em s. reverendissima A. M. S., porem não me lembrei, que estava inferior a qualquer insulto.

No nosso communicado inserto no n.º 124 do *Districto d'Aveiro* mostramos á evidencia as razões, que nos assistiram para pedirmos a estrada do Boco a Mogofores.

S. revd.ª responde agora no citado numero do *Campeão* com um aranzel, que faz gemer os prelos, e sem destruir os argumentos, que produzimos, limita-se a chamar insignificante á povoação d'Amoreira, appella para as representações dos povos do litoral, sustenta, que os productos agricolas do seu concelho caminham só para o norte, e não para o sul, que o seu concelho abunda mais, que nenhum outro em arroz, e madeira, e finalmente, que ao occidente d'Oliveira ha tres fabricas de distillação d'aguardente, que consomem anualmente dez mil e quinhentas pipas de vinho, e produzem 1:500 pipas de agoardente!!!

Eis a *malakofe*, e o formidavel quadrilatero, em que s. revd.ª se escuda para responder ao nosso communicado:

Ora diga-nos, quem lhe forneceu a estatistica para vir a publico asseverar, que as tres fabricas consomem, por anno, tão fabulosa porção de pipas?

Donde provem tão grande numero de pipas de vinho para essas fabricas?

Ha quantos annos não produziu esta comarca a decima parte do vinho, que ali se consume?

Depois, que s. revd.ª engatinha nunca tal observou.

Não terá este concelho, ou o da Mealhada tanta abundancia de cereaes, e madeiras para exportação, como esse?

Cremos, que mais.

E finalmente por que razão hão de caminhar sómente para o norte, e não para o sul as produções agricolas d'esse concelho? Por ventura não seguirão tambem para o sul pela via ferrea essas produções?

São irrespondiveis tantos disparates, são uma excellente craveira para afferir os dotes intellectuaes da s. revd.ª

Ainda s. revd.ª continua a fallar-nos de rivalidades com o seu concelho; repetimos, que as não temos, nem desejamos: se s. revd.ª, e os seus sequezas as tem, a culpa não é nossa, somos amigos de muitas pessoas d'esse concelho, e cremos, que tambem o são, nossas.

E apresenta s. revd.ª para comprovar essa imaginaria rivalidade, que nós na occasião, em que se projectou a estrada de Aveiro, concorremos, e enganamos o governo, fazendo desviar a estrada de Mogofores, levando-a por Canha, e consequentemente por Oliveira, se assim foi fomos vossos procuradores, concorremos para essa villa ter uma estrada, (o que não aconteceria se fosse por Mogofores) e chamais-nos rivaes?

Só uma creança estouvada pode aberrar tanto da razão, e da ordem.

Diz s. revd.ª, que nunca pretendeu ser litterato, porque sabe conhecer-se, e conclue a sua correspondencia com a seguinte paremia—que só é sabio o homem, que sabe conhecer-se—; logo s. revd.ª avocou (sem o querer) para a sua pessoa o epitheto de sabio.

Sim, senhor, não deixa os seus creditos por mãos alheias.

Agradeço o mimo, que acaba de endereçarme, chamando-me—curto em tudo—, não é tanto assim, porque em altura tenho 1,67^m, — em talento, concordo, — porem a culpa não é minha, é do Creador, mas assim mesmo creio, que ha de afferir pelo de s. revd.ª, que com quanto diga, orgulhoso, que comigo falla de cima para baixo, eu não posso admittir-lhe a *truandice*; não posso, porque s. revd.ª discute com um homem, que tem uma posição decente na sociedade, discute com um homem, que pertence a uma familia, cujos ascendentes não envergonham ninguém; e finalmente discute com um homem, que se présa de ser considerado pelas principaes pessoas do seu concelho, em quanto que eu discuto com um homem, que por considerar-se superior a mim, desejava apurar-lhe a *biographia*, e por isso peço a s. revd.ª me diga, a que familia pertence, isto é, o nome de seus ascendentes (se por ventura o sabe), o seu brasão de armas, e a sua posição social.

Satisfeito o nosso pedido poderemos conceder as honras da superioridade, que anela.

«Vou terminar esta famosa polemica com o sr. A. M. J., dizendo-lhe, que aprenda o código do bom tou, ou que arranjar um cirinco dedicado, que o auxilie, porque assim não sei discutir. *Rehabilita-se, suba, porque eu por mim não sei descer tanto.*

Sr. redactor. — Bem sei, que me estou enlameando muito, obrigando os typos á proclamação d'algumas expressões menos dignas d'este logar, quando só deveriam ser empregadas na missão nobre de civilisar, porem a isso me obrigou a correspondencia d'essa *excrescencia bastarda*, que só sabe injuriar, e não discutir.

Espero que o publico me releve este abuso, tomando em conta as impertinencias d'esse escriptor assalariado; d'ora ávante seré mudo, ao insulto, não descerei, ao que hoje desci, pois as injurias, que s. revd.ª me arrojar, não me tocarão, nem de leve, — e se continuar a ser insolente, saberei repellil-o com a ponta do pé.

Agora duas palavras ao auctor da correspondencia inserta no n.º 1:068 do *Campeão*.

S. s.ª com a minha assignatura fica conhecendo o auctor do communicado transcripto no n.º 124 do *Districto*, — e por isso se lhe assomam alguns vislumbres de homem de bem, deve retirar as acrimoniosas insinuações, que na citada correspondencia dirige a um cavalheiro d'esta villa, suppondo o auctor do referido communicado.

Elle causa-vos inveja pelo seu talento, pela sua influencia, e mais dotes, que o adornam, tendo paciencia.

S. s.ª illudiu-se com os seus calculos, é muito miope, se o não fôra, certamente não aventaria, que Oliveira se acha em communicação com a villa de Mangualde!!!

Isto é um grande retrocesso geographico — *Risum tenetis!!!*

O mundo no anno 3:000,—segundo escreve «Emilio Souvestre» ha de ser uma maravilha, porem o que esqueceu á imaginação d'aquelle eximio romacista acaba agora de ser de coberto por s. s.ª, fazendo de Oliveira um paraíso, um oásis, que causará inveja á risonha Coimbra, ou á encantadora Cintra, por isso convencionaremos, que Oliveira no anno trez mil ha de ter communicação directa com a villa de Mangualde, para onde será aberta uma estrada com a vara de Moyses, —será elevada á categoria de sede de districto, e obtará, finalmente, um alvará regio, concedendo-lhe o titulo da Cidade das Colinas, em quanto, que nós os anadienses ficaremos sepultados na cidade entre MONTES.

Com a publicação que a v. peço d'estas linhas no seu acreditado jornal, muito obsequiará ao

Seu constante leitor

Antonio Augusto Rodrigues do Valle.

Sr. redactor.

Anadia 28 de setembro de 1862

Em o numero 1068 do *Campeão* deparei com duas correspondencias, n'uma das quaes observei uma ironia insulsa e sem cabida contra uma pessoa distincta do *ninho meu paterno*; na outra saboreei umas — congestões cerebrinas —, que me fizeram derramar uma lagrima; na primeira notei uma ignorancia indesculpavel; na segunda, uns macaquejos ao *arima mea turbata est valde*, que o vencedor de Goliath dedilhou com plectro divino na cithara da inspiração.

Em ambas estas correspondencias pretendeu-se demonstrar a preferencia, que deve ter, ou antes — que alguém quer que tenha — a directriz da estrada do Boco a Oliveira á directriz do Boco a Mogofores.

O fim d'esta minha correspondencia não é facilmente mostrar o absurdo das pretensões dos Oliveirenses; sendo que alguém já respondeu cabalmente: vou apenas fazer algumas considerações sobre a «substancia» da primeira correspondencia: pois enquanto á segunda, fallo com lhanza, só tenho a dizer, que por um pouco fantazici estar lendo uma pagina das *Bernardices do doutor—Nada lhe escapa*: depois lembrei-me, de que o seu auctor era feliz; devolvi á mente a felicidade definida pelos Anaxagoras, pelos Antisthenes, pelos Pythagoras, pelos Epicuros, pelos Platões, e pelos que eram sectarios do estoicismo; e conclui, que era mister uma ultima edição de felicidade para o degenerado Jeremias; convençie-me, que era a ignorancia.

O constante leitor do *Campeão* principia seu aranzel escrevendo: «Não obstante o epitheto de parvalheira com que é miosiado todo aquelle que n'esta comarca tiver o atrevimento de escrever para publico, a não ser o sabio doutor de Anadia etc. etc.» O constante leitor do *Campeão* pouca constancia pôz em pratica; quando leu o numero do *Districto*, que em seguida cita. Uma inferior intelligencia devia lá comprehender, que o famigerado epitheto de—parvalheira—era applicado a «alguns» escriptores fêmeas da comarca: ora como s. s.ª quer por força pertencer a esse numero, pertença; que todos lhe hão de louvar a acção.

Mais em baixo diz: «... a nossa aldeia de Oliveira de Bairro tem uma posição topographica que é inveja da cidade d'entre montes.» Antes de mais nada, s. s.ª ha de concordar commigo, que ignora completamente o que é topographia: quem proclama em estylo peço e fanfarrão, que Anadia é sita entre montes, não deve fallar em posições topographicas. Mas falle para ali. Que importa a Anadia que Oliveira seja um parque, uns elysios, ou mesmo uma Versailles? Nada: porque os anadienses sabem, que o pavão é uma ave, cuja plumagem é garrida e deslumbrante, que o papagauio tambem traja ve-tes embelezadas por natural matiz; e que ambas essas aves são mais estupidas, do que outras, cujas vestes poucos atavios offerecem á vista. Que inveja pois pode haver d'essa formosura desassociada da belleza moral?

E medite no pensamento de Vieira, e que vem muito a proposito: «a formosura apregoada não está mui longe de vendida.»

Mas não passe esta: — o constante leitor baptisa sem cura nem madrinha — a sua Oliveira, dando-lhe o nome de *Dulcinea!*. Isto quer dizer, que s. s.ª e outros quejados se transformaram em D. D. Quixotes, sem ser necessario recorrer ás artes magicas dos Zoroastros. Fallaria com mais precisão, se macaqueando o cantor de D. Branca, dissesse, que a sua Oliveira era uma vasta Barataria, onde reina El-Rei Sancho. De certo: pois, se havia de dizer, que a sua querida Oliveira, era uma Helena, uma Venus de Medicis, uma Sapho, uma Judith...; ou então se, mudando-lhe o genero, lhe chamasse Laocoon.

te de Belvedere, Hercules Farnesio, Apollo Pythio...; vae chamar-lhe Dulcinéa!

Está resolvido: s. s. está no reinado de El-Rei Sancho com o côrte na Dulcinéa.

Pego-lhe por especial obsequio que apresente a sua paternidade — pança a seguinte parodia ao «Vedere Napoli e poi morire» dos italianos:

Minha Dulcinéa ver

E depois... depois morrer!

Em outra parte da correspondência diz: «... se tem conservado a cabeça de comarca em um local onde nem os pés se podem supportar.» Só um Sancho como s. s. é que podia garantir tal necessidade! Mas talvez que tenha razão quem sabe?

— Ora diga-me, vossa senhoria, quando tem vindo a Anadia, tem trazido calos nos pés? Recommendo-lhe n'esse caso a applicação do adhesivo... ou «vide passim» livros medicos.

— Sua paternidade terá arestins?

Recipe:

Vinagre commun.....4 onças diss. e j.^o
Verdete em pó.....1 onça
Mande para topico.

Ora vá; não me chame alveitar: foi para seu bem, que fui consultar um veterinario, que me esteve os ouvidos com um discurso — ex cathedra — no qual me pretendeu demonstrar, que os arestins fazem, com que certos pés não se possam supportar no chão. Isso he lá com elle.

Vamos agora ao ponto mais substancial de sua correspondência. Pedro por ultimo, a laia de imperador da China, não aconselha, pede ao sapientissimo doutor, que quando escrever para o publico, dispa ao menos essa orgulhosa ostentação de rei dos bichos, aliás será zurzido como merece!!!

— Rei dos bichos! sapientissimo doutor! — eis o que evidencia, que o constante leitor do *Campeão* move cobardemente e sem destreza a arma da ironia...

Mas saiba, que o rei dos bichos, é quem em facecia *doutoral* chama doutor a um intelligente e *simples* particular, quem ousa escrever improprios contra uma pessoa digna de todo o respeito, porque o genio em toda a parte é venerado; é o rei dos bichos quem não sabe topographia e escreve tal expressão; quem suppõe Anadia cidade entre montes; quem apresenta a phrase *impar doutor*, porque *impar* quer dizer não par, e doutor não par é doutor parão, e isto he um disparate: é rei dos bichos quem não averigia com maximo cuidado, quem seja o auctor de uma correspondência anonyma, que tenha sahido a lume, e da qual se attribue auctor uma pessoa por cuja mente não passara até certo tempo escrever contra os litteratos panças, que olvidando, ou nunca tendo lido o preceito do Lyrico Romano.

Non ego paucis

Offendar maculis, quas aut incuria fudit,
Aut humana parum cavit natura...

uns vão dizer, proclamar em voz de roncador: eu sou sabio!! outros, que, vindo a estrada do Boco para Oliveira, põe-se a Dulcinéa em comunicação com Mangualde!!

Portanto o constante leitor do *Campeão* teceu para si mesmo a grinalda da immortalidade, quando intitula de rei dos bichos o sabio advogado e eximio juriconsulto, esquecendo, afora de tantas outras provas, a que ultimamente devia ler no *Jornal do Porto* a respeito do talento e cabedães intellectuaes do seu *impar doutor*. Num dos ultimos numeros do *Jornal do Porto* appareceram umas judiciosas reflexões do eximio juriconsulto, pelas quaes se demonstram as imperfeições, em que ainda está a — lei vincular —, não obstante a reforma, que uma portaria do governo lhe fez dar, reforma lembrada e promovida por umas outras reflexões, que tinham já sahido a lume com o geral applauso dos homens sensatos, que se presam de ver no egregio juriconsulto o reformador d'um ponto tão obscuro na nossa jurisprudência.

Basta isto só para mostrar (ao publico não...) a v. s.ª, quão temeraria foi a sua chulice: só os ignorantes é que a tal se arrojariam. Concluiremos com o que me ensina o cantor dos Lusitadas:

«... onde reina a malicia está o reccio,
Que a faz imaginar no peito alheio.»

E' este conceito, que explica cabalmente a razão, que instigou s. s.ª a escrever-lhe a sua correspondência: é este conceito, que dá a solução ao ex-mathematico dos oliveirenses, em *quererem*, que os anadienses sejam seus rivales. O *risum tenentis* de Horacio é a unica resposta a taes pretensões. Lembre s. s.ª aos seus confrades, que — congestões cerebraes — tem avassalado um *quidam* d'esses sitios, porque não pôde conseguir ou a addição da freguezia de Sangalhos ao seu concelho, ou a suppressão do da Mealhada, para mais facilmente a sua querida Dulcinéa ampliar as suas posições topographicas; e depois reflexione quem são os rivales da Mealhada; se somos nós, os anadienses, ou os oliveirenses...: isto quer dizer, que foi um disparate de marca grande o dizer um dos seus confrades, que somos rivales da Mealhada...

Não vacillo em me assignar

Manuel Alegre.

EXTERIOR

Dos jornaes do correio de hontem copiamos o seguinte:

Marsella 23.—Segundo cartas de Roma de 20 espera-se alli um regimento francez.

Foi aliada a partida de M. La Valette para França.

As cartas de Napoles de 20 dizem que se teem feito novas prisões de cammorristas. Reconheceu-se que a maior parte d'elles eram contra-bandistas. Duplicaram as rendas da alfandega de Napoles.

Nota-se recrudescencia do latrocinio, sobretudo na Capitanata.

Turin 23.—Espera-se aqui M. Nigra embaixador de Italia em Pariz.

O «maire» de Turin publicou uma proclamação exprimiendo a alegria que sentiram os cidadãos vendo a filha do rei Victor Manoel ligada a um principe que sempre se mostrou amigo caloroso da Italia.

Os jornaes publicam uma carta de Garibaldi em resposta alguns amigos de Napoles. «Estou, diz o prisioneiro, rodeado de benevolos cuidados, e julgo que estes cuidados contribuirão para a minha curação.»

Os patriotas romanos prepararam-se para offerer um presente de nupcias á princeza Pia. Foi o comité nacional que tomou a iniciativa da subscrição.

Dizem de Vanigliano que acalharam as dores que soffria Garibaldi.

Stokolmo 23.— Houve hoje na Bolsa um grande «meeting» em honra de Garibaldi.

Approvou-se uma representação exprimiendo vivas sympathias pelo vencido de Aspromonte e votos pela proxima evacuação de Roma.

Ragusa 23.—Luca Vukalovich apresentou a Kurschid-pachá, governador da Herzegovina o acto escripto pelo qual jura fidelidade á Turquia em seu nome e no de todos os districtos insurgidos na provincia.

Kurschid-pachá deu plena e inteira amnistia e concedeu ao chefe herzegoviniano a dignidade de bimbascha com 100 thalers por mez, e a facultade de alistar, á custa das autoridades turcas, 500 soldados christãos para manter a ordem nestes paizes.

Vukalovich servirá de intermediario entre os christãos e as autoridades turcas.

Berlin 23.—Está proximo o fim da crise ministerial. Parece que já foi assignada pelo rei a nomeação de M. de Bismark para a presidencia do conselho. — M. Bodelschwingh substituirá M. Von der Heydt. M. de Bernstorff irá na qualidade de embaixador para Pariz. Os outros ministros conservarão as suas pastas.

Pariz 24.—O embaixador d'Italia em França sahio esta manhã para Turin.

Restabeleceu-se a tranquillidade na Sicilia.

Os bandos disseminados encontraram resistencia por toda a parte.

M. Conforti pediu a sua demissão; — mas continuará com a pasta ainda por mais algum tempo.

O imperador está em Biarritz até 14, ou mais se continuar o bom tempo.

Pariz 26.—Ha noticias de Nova-York que alcançam a 16 do corrente.

Falla se de uma batalha dada junto ao Potomac. Os federaes que se acham em Harper's Ferry estavam rodeados pelas tropas do Sul, e cre-se que se renderão.

Os confederados continuam a avançar no Estado da Pensylvania.

Reina grande agitação na capital.

O «York Times» accusa o governo de Washington de debilidade.

Ha noticias de Veracruz do 1.º Lafuente e Doblado estayam em desacordo.

Continuavam os pronuciamentos a favor dos francezes.

Tinham-se espalhado em Veracruz circulares hespanholas, recondando aos mexicanos a sua origem e exhortando-os a estabelecer uma monarchia, pondo no throno uma princeza hespanhola.

Athenas 23.—Deu-se uma amnistia para os emigrados, em consequencia dos acontecimentos de Nauplia.

TURIN 25.—O principe Napoleão e Rattazzi tiveram uma longa conferencia.

Folhas de Madrid de 26, de Pariz de 25, do Havre e Bruxellas de 23.

As noticias de Turin dizem que, logo depois do casamento da Princeza Maria Pia, começaram em Pariz as conferencias para resolver a questão romana, tomando parte n'ellas um dos principaes personagens italianos.

A «Independencia belga» diz que é de 4 a 6 de outubro que o imperador é esperado em Saint Cloud, onde conta passar o resto do mez, e que é durante este tempo que serão resolvidas em principio as graves questões politicas que preoccupam a Italia e a Europa.

O correspondente da «Patrie» em Spezzia menciona o boato, que circulava n'aquelle ponto, de que na noite de 19 o rei Victor Manoel ebgára n'um vapor a Spezzia e penetrára debaixo do mais rigoroso incognito em Varignano, e tivera com Garibaldi uma longa conferencia, tornando immediatamente a embarcar.

Parece que esta noticia transpirou, apesar de se ter recommendado o maior segredo aos empregados de Varignano.

O correspondente diz que effectivamente na tarde de 19 chegaram vapores a Varignano, que na manhã seguinte já ali não estayam.

A carta que Garibaldi escreveu aos seus amigos, dizendo que estava rodeado de atensões

e cuidados, talvez tenha relação com o facto, a ser verdadeiro.

As noticias dos Estados-Unidos são cada vez mais graves, e a cada momento se esperam outras de notaveis e importantissimos acontecimentos.

O «Wanderer» publica as seguintes cartas, trocadas entre Garibaldi e o consul dos Estados-Unidos da America em Vienna:

Ao sr. general Garibaldi.
Vienna 1.º de setembro de 1862.

General.
Como vos foi impossivel cumprir por agora a grande obra patriótica que emprehendestes em interesse da vossa bem amada patria, tomo a liberdade de vos dirigir a presente, a fim de saber se não entraria nos vossos planos offerecermos o vosso valente braço na luta que sustentamos pela liberdade e pela unidade da nossa grande republica.

O combate que sustentamos não nos interessa a nós só, interessa todo o mundo civilizado.

O transporte e o enthusiasmo com que seríeis recebido na nossa patria, onde passastes uma parte da vossa vida, seriam iminentes, e a vossa missão, que seria conduzir os vossos bravos soldados a combater pelo mesmo principio ao qual votastes nobremente toda a vossa existencia, seria plenamente conforme ás vossas intenções.

Julgar-me-ia muito feliz, general, se pudesse receber uma resposta vossa.

Tenho a honra de ser, etc.

Theodoro Canisius,
consul dos Estados-Unidos da America.

Ao sr. Theodoro Canisius, consul dos Estados-Unidos em Vienna
Varignano 14 setembro de 1862.

Senhor.

Estou prisioneiro e perigosamente ferido; é-me por consequencia impossivel dispor de mim. Todavia, logo que for restituído á liberdade, e que as minhas feridas sararem, aproveitarei a primeira occasião favoravel para satisfazer o meu desejo de servir a grande republica americana, da qual sou cidadão, e que combate hoje pela liberdade universal.

Tenho a honra, etc.

Garibaldi.

NOTICIARIO

Officios funebres.—No dia 24 do corrente mez tiveram logar na igreja do Populo em Braga os officios funebres pelo descanso do infeliz major Vasconcellos, barbaramente assassinado pelos revoltosos em Braga.

Do nosso collega o «Commercio do Porto» transcrevemos em seguida a parte de uma correspondência de Braga, dirigida ao mesmo jornal, que se occupa deste assumpto:

«O cadaver estava sobre uma eça na capella-mór, fechado em um caixão de chumbo, dentro d'outro de madeira, e coberto de veludo negro. Sobre o ataúde estayam a farda, a espada e o chapéo do finado.

A igreja estava toda forrada de crepe.

Assistiram os srs. general Passos e seu estado-maior, brigadeiro Taborda e seus ajudantes, officialidade de artilheria 1, cavalleria 6 e infantaria 7, officiaes em disponibilidade e reformados que aqui se acham, governador civil, secretario geral, administrador do concelho, delegado interino do thesouro, empregados da repartição de fazenda, governo civil e administração do concelho, alguns camaristas e empregados da camara, juizes de direito, proprietario e substituto e alguns escriptaes, os meninos orphãos do collegio de S. Cuetano, o deão, chantre, thesoureiro-mór e quatro conegos da Sé Primaz e grande numero de cidadãos.

Terminada a missa, um batalhão de infantaria 7 deu as descargas do estylo.

A's 11 horas foi o caixão collocado n'um carro funerario, que, seguido de outro carro, em que ia um sacerdote, e do cavallo do finado (tambem ferido com duas balas), coberto de crepe, se poz em marcha para ali, acompanhado por tres soldados de cavalleria.

O batalhão de infantaria 7 acompanhou o prestito até S. Pedro de Maximinos.

Foi um sahimento commovente. Vimos lagrimas em muitos olhos, e commoveram nos profundamente as de uma pobre mulher que poucos dias antes do fatal acontecimento tinha recebido do finado uma esmola de duas libras.

Foi assim o caso:

La o major Vasconcellos por dentro da igreja da Sé, e viu que se estava n'um baptisado, que reconhecen ser de gente muito pobre. Perguntou se a criança era exposta. Responderam-lhe que não, mas que era de paes pobrissimos. Indagou a morada destes, retirou se, e poucas horas depois foi levar uma esmola de duas libras aos infelizes, que não tinham para a ceia.

Além deste facto ha outros que se vão agora sabendo, e que provam que aquelle bravo official era tão leal e valente como generoso e caritativo. O capitão Macedo, que mandou disparar os tiros que mataram o major Vasconcellos, todos ou quasi todos os dias juntava com este brioso militar e devia-lhe muitos favores!»

Exercito italiano.—Julgamos dever publicar a seguinte nota estatística da composição do exercito italiano; ella indica o contingente fornecido por cada provincia para o exercito effectivo na data de 1 de julho de 1862, e tende a provar que a ordem na peninsula italiana não é só mantida pelos piemontezes. Se as antigas provincias levam ao exercito nacional um terço do seu contingente, é porque a lei do recrutamen-

to que fixa em onze annos o tempo de serviço, tanto como de reserva, foi applicada ha muito, em quanto nas provincias meridionaes só teve applicação depois das annexações.

Eis a nota a que nos referimos:

Piemonte	117:637 homens
Lombardia	69:302 »
Parma	8:733 »
Modena	5:520 »
Romania	11:823 »
Toscana	15:449 »
Ombria e Marcas	8:197 »
Napoles	70:705 »
Sicilia	8:812 »
Emigrados venezianos	5:003 »
Idem romanos	1:671 »
Estrangeiros allemães	62 »
Francezes	379 »
Diversos	200 »
Nacionalidade não determinada	77 »

323:370

Amar a vapor.—D'um jornal da capital extratamos o seguinte:

«Ha nas proximidades de Santarem uma senhora solteira, que possui um patrimonio regular e um coração um tanto accessivel ás setas do deus magano.

Esta senhora veio este anno a Lisboa tomar alguns banhos das alcaçarias de D. Clara, que o medico lhe aconselhára para acalmar ligeiros padecimentos.

Um dia, ao sahir do banho, viu que a seguia um sujeito modestamente vestido, mas de physionomia expressiva e figura distincta. Encarrou-o e sentiu-se impressionada. Nunca mais lhe sahio da mente a sua imagem. E a elle, a julgamos pelos factos subsequentes succedendo-lhe outro tanto. Mais duas vezes o viu; e ambos se sentiram mutuamente atraídos por uma força magnetica.

Mas dona E. acabára os banhos, e tinha que partir no comboyo da manhã do dia 15 do passado para Santarem abandonando o interessante desconhecido. Reprimiu a suadade, e entrou no wagon onde não estava mais ninguém. Estava quasi a largar o comboyo quando um sujeito entrou apressadamente na carruagem e se sentou em frente de dona E. Era elle. Partiu o comboyo, cada um reclinou a frente para seu lado e não deram palavra.

Ao parar na primeira estação o desconhecido não pôde conter a anciedade e disse:

— Poço do Bispo, minha senhora... se v. ex.ª tem que sahir...

— Vivo mais longe. E v. s.ª sae?

— Eu vivo... onde v. ex.ª vive.

— Sabe onde é?

O comboyo partiu. A dama não pôde perceber a resposta do seu companheiro de viagem.

Na estação immediata, o desconhecido perguntou-lhe:

— Não acha incommodo viajar assim, minha senhora?

— Quando se encontra uma companhia amavel não se pensa nos incommodos de viagem.

— Mas nem sempre se tem um companheiro.

— Sobretudo quando se é solteira.

Ouviu-se o silvo, e as carruagens rodaram, parando na estação seguinte.

— Povoa de Santa Iria, bradou o guarda.

— Santa Iria, disse o desconhecido, morreu martyr, mas tambem fez um martyr de amor. Não concorda que é horrivel ver-se uma mulher formosa, amala, e ser despresado?

— Deve ser um supplicio.

— E o que julga da pessoa que o impozer?

— Que é um corpo sem alma.

Passaram mais duas estações. Se não fosse o rodar das carruagens talvez se podesse ouvir o bater apressado daquelles dois corações.

— Vae para longe? Perguntou dona E.

— Para onde v. ex.ª fór.

— Eu fico em Santarem, e v. s.ª?

— Eu voltarei para Lisboa.

Parou o comboyo na velha Esca Abidis.

Dona E. disse ao seu companheiro:

— Porque não fica tambem em Santarem?

— Se assim o exige...

Ao descer do wagon ella accrescentou estendendo-lhe a mão para que a ajudasse a descer:

— Se me dá esse direito, exijo.

A criada da dona E. que foi quem presenciou e referiu a alguma esta aventura, diz que um destes dias se celebra o casamento dos dois vinjantes.

Somnambulismo.—Lê-se no «Courrier de l'Ère»:

«Um joven operario de Grenoble affectado de sonnambulismo, e que já o anno passado tinha por muitas vezes causado viva commoção no publico, que o via passear pela beira dos telhados, renovou ha duas noites, na presença de uma numerosa multidão, as suas correrias nocturnas, e causou um verdadeiro terror á immensa gente que o seguia.

Depois de ter atravessado com uma rapidez extraordinaria muitas ruas da cidade, subiu ao quarto andar da casa em que habita, e no estado de sonnambulismo, não temeu assentar-se n'uma barra de ferro da grossura de um dedo, suspensa sobre a rua a uma altura de 20 metros pelo menos.

E' facil de comprehender o terror dos espectadores.

Felizmente para elle, o mancoço é dotado, como ordinariamente o são todos os sonnambulhos, de uma destreza inaudita, e voltou para o seu quarto sem que lhe acontecesse o menor mal,

o que foi um grande allivio para todas as pessoas presentes.

Advertencia. — No nosso n.º proximo passado deixamos, por esquecimento, de chamar a attenção dos leitores para uma correspondencia do concelho de Paiva, que no mesmo n.º inserimos.

Agora, porém o fazemos, e muito particularmente chamamos a attenção do sr. governador civil para que olhe com olhos de compaixão, para o que ali está tendo logar, e para os escandalos que o seu delegado está commettendo.

Consta-nos que não é só naquelle objecto a que allude a correspondencia, mas em outros.

Pedimos providencias, sr. governador; é mister que cessem de prompto taes escandalos.

Telegramma. — Publicamos hoje um telegramma que o sr. governador civil do districto se dignou communicar-nos; e que não podemos publicar no n.º anterior por serem 6 horas da tarde, quando o recebemos, e estar já feita a tiragem do jornal.

LISBOA 30 ás 10 H. E 35 M. DA MANHÃ.
Sua Magestade a Rainha sahiu hontem 29 de Genova ás 3 horas da tarde a bordo do «Bartholomeu Dias». Espera-se em Lisboa no dia 6 ou 7 d'outubro.

Anselmo José Braamcamp.

Consulado italiano. — Com este titulo lê-se nos jornaes do Porto a seguinte noticia:

Foi concedida ao sr. Paulo Rodrigues Barbosa a exoneração, que pedira, de delegado consular do reino de Italia n'esta cidade. A delegação foi elevada á cathogoria de consulado, sendo nomeado consul o sr. Carlos Luiz Gubian de Verdum, com jurisdicção nas provincias do Minho, Traz-os-Montes e Beira,

Tambem foi nomeado vice-consul o sr. Paulo Barbosa, filho do delegado exonerado.

Os serviços prestados pelo sr. Paulo Rodrigues Barbosa como delegado consular da Italia, fazem sentir que s. s.ª tomasse a resolução de se eximir d'aquellas funções, principalmente agora que aquelle reino tem tomado maior consideração e a delegação do Porto foi convertida em consulado. O sr. Barbosa é um homem honrado, como já ha poucos, e estamos certos que o proprio governo de Victor Manoel lhe concederia com pesar a exoneração, que pediu de seu representante no Porto.

Estimamos no entretanto a nomeação do nosso amigo Paulo Barbosa, para o logar de vice-consul na mesma cidade, e temos a certeza de que seguirá no exercicio deste logar os honrados exemplos de seu pai.

Relatorio. — Recebemos um relatorio sobre a gerencia municipal do sr. Dr. Raymundo Venancio Rodrigues, presidente da camara de Coimbra confeccionado pelo amanuense do governo civil daquelle districto o sr. Iguacie Raymundo Alves Sobral.

Nada diremos por ora em relação ao objecto do mesmo relatorio, reservando-nos para occasião mais oportuna.

É macho ou femea? — Aconteceu a semana passada um caso, que não deixa de ter sua graça.

Chegará o dia de se baptisar uma creança, e rogados os padrinhos e convidados, partiu a comitiva para a igreja, em quanto o pae ficava em casa a fazer companhia á esposa, que ainda estava na cama.

Passada uma hora ouvem na rua um grande alvoroço, e em seguida veem entrar com grande jubilo nos braços da comadre, obesa e avermelhada, o fructo já abençoado de seus amores.

—Parabens, parabens, sr. compadre! — diz o padrinho esfregando as mãos — O nosso Joãozinho ha de ser um valentão; nem quando lho deitaram agua pela cabeça abaixo chorou.

—Qual Joãozinho? — respondeu o pae, arregalando os olhos de um modo bastante desconforme.

—Ora, qual Joãozinho! o afilhado.

—Mas que afilhado, homem?

—O menino, o menino, bem empregado nome; parece mesmo um santinho — resmungou do lado a comadre.

—Qual menino, ou qual diabo! Ora quem vocês ver que me fizeram da pequena um rapaz!

Realmente assim fôra; a pequerrucha receberá o nome de João, porque o padrinho se enganara no sexo da creança; dissera ao padre que era rapaz. Este poz-lhe o nome de Joannes, e a parteira entendendo que = Joannes = queria dizer Joanna, deixou passar o erro, sem dar fé. A mãe aterrada com a novidade, quiz immediatamente examinar com seus proprios olhos a pequena, e deu graças a Deus, de que as palavras sacramentaes não tivessem no corpo o mesmo influxo que teem na alma.

Chave rica. — As noticias da cidade de Jaen dizem que quando a rainha de Hespanha pizer o pé no solo da Andaluzia o governador da provincia lhe entregará a chave das Andaluzias, em testemunho da respeitosa dedicação dos povos. A chave é de ouro cravejada com 13 pedras preciosas do maior valor.

CORREIO

LISBOA 1 DE OUTUBRO

(Do nosso correspondente.)

Os homens da opposição activaram os seus occultos trabalhos para vencerem o terreno perdido com a revolta de Braga. Pela palavra já elles sabem que não avançam um palmo no caminho das suas ambições, é preciso conquistar o poder pela insubordinação do exercito, pela per-

turbação da ordem publica, pelo arrombamento dos cofres dos dinheiros publicos, por todos os meios enfim que poem em risco a vida e a propriedade dos cidadãos, e abrem no paiz novas feridas de difficil cura. Os agentes mais importantes da opposição annunciam novos tumultos, e ameaçam o actual gabinete com uma revolta em Lisboa. Cumpre ao governo andar vigilante. Este systema de fazer calhar os governos por meio de revoluções já devia ter acabado; como ainda infelizmente ha um bando de ambiciosos sem fé que não recuam deante de meios ignominiosos para escalarem o poder, é preciso ser-se energico, implacavel. Se o governo por meio de uma rigorosa investigação chegar a descobrir os auctores até hoje invisiveis dos crimes de Braga, deve ser para com elles severo, sem attender ás gerencias sociaes; se assim não proceder teremos o paiz á mercê dos sargentos que desejam ser alferes, e dos officiaes que pertendem engrandecer-se com os premios da insubordinação.

— Como disse na minha ultima correspondencia o sr. conselheiro Antonio Rodrigues Sampayo respondeu triumphalmente ás accusações que lhe fizera o «Portuguez» dizendo que s. ex.ª roubara um recibo pertencente a um processo do tribunal de contas. O sr. conselheiro querellou do «Portuguez», e é advogado de s. ex.ª o sr. dr. Antonio Alves da Fonseca.

A redacção do «Portuguez» pediu aos jornaes de Lisboa a publicação das seguintes linhas: — Contamos poder brevemente publicar a carta, que nos enviou o sr. A. R. Sampayo, acompanhando-a da resposta que o caso pede. Não nos tem sido possível fazel-o até hoje, porque carecemos de documentos, que já requeremos no tribunal de contas, e que esperamos nos serão passados por estes dias. E-tá explicado o nosso silencio sobre esta questão. E' ao publico, e não ao sr. Sampayo que damos estas explicações. Quanto ao sr. Sampayo esperamos poder demonstrar-lhe que as nossas asseverações relativamente ao negocio dos recibos estão plenamente justificadas.

Não pense o sr. Sampayo que nos aturdiu com as peloticas e exercicios de acrobata, com que, em logar de artigos serios, costuma distrahir os seus leitores. Os factos demonstrarão mais uma vez a boa fé e lealdade com que costuma aggre-dir os seus contrarios.

Não sei com quaes documentos conta o «Portuguez» para provar que ficaram de pé as suas asseverações sobre o negocio dos recibos. O sr. Sampayo foi accusado de ter ficado com os documentos de um processo fazendo com que este não tivesse andamento com grave prejuizo dos interessados: depois s. ex.ª provou por documentos incontestaveis que os papeis alludidos nem sequer haviam passado pela sua mão, e que tanto o processo não estava demorado que elle havia sido julgado em abril do corrente anno, tendo-se publicado no «Diario de Lisboa» o respectivo accordão. E' de justiça que o «Portuguez» seja condemnado.

— Continuam com a maior actividade os preparativos para os festejos do regio consorcio. No Terreiro do Paço já se estão collocando as armas entre todas as janellas do pavimento nobre, e estão collocados mais de duzentos candeeiros e escudos no pavimento superior. O effeito da praça é magnifico. O torreão do lado do oeste já se acha acabado.

A Rainha sahiu antes de hontem de Genova com direcção a Lisboa e e deve estar aqui no domingo proximo.

A folha official publica o seguinte decreto: — Tendo-se effectuado na cõrte de Turin a cerimonia religiosa do consorcio real, contrahido entre mim e a serenissima princeza D. Maria Pia de Saboya, segundo as condições estipuladas no contracto matrimonial, que fôra approvedo pela lei de 6 de setembro de 1862, e ratificado pela carta de confirmação de 9 do mesmo mez; hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º — A noticia da feliz conclusão dos meus reaes desposorios será transmittida a todos os tribunaes e corporações do estado, e bem assim a todas as autoridades superiores na ordem ecclesiastica, civil e militar, a fim de que, dando-lhe a maior publicidade, possa chegar ao conhecimento de todos os portuguezes.

Art. 2.º — O dia em que S. M. a Rainha de Portugal, minha muito amada e presada esposa, chegar ao porto de Lisboa, e os quatro immediatos serão de grande gala.

§ 1.º — Nestes cinco dias suspender-se-ha o despacho e serviço nos tribunaes e repartições publicas da capital onde por motivos identicos, é costume similhante pratica; haverá salvas de artilheria nas fortalezas de terra e mar e navios de guerra portuguezes, e serão permitidas as illuminações, os repiques de sinos, e quaesquer outros festejos publicos.

§ 2.º Nas provincias do continente do reino a suspensão do despacho e serviço dos tribunaes e repartições publicas, e as demonstrações de regozijo, terão logar nos tres dias immediatos áquelles em que ali for recebida a noticia da chegada da Rainha, devendo observar-se outro tanto nas ilhas adjacentes e possessões ultramarinas nos tres dias que depois da recepção da mesma noticia, forem marcados pelas respectivas autoridades superiores administrativas.

— Os fabricantes de sedas nacionaes já foram contemplados fazendo-se-lhes uma encomenda de trezentos metros de seda glacé, e não poucos de damasco para o forro da parte interior do pavilhão do Terreiro do Paço. Os adornos estão a ser novamente doirados, porque as ultimas chuvas estragaram os que já estavam promptos. Calcula-se o prejuizo n'uns duzentos mil réis.

Do estrangeiro vieram oito figuras de pe-

dra para adorno das columnas no pavilhão. Custaram estas figuras 320\$000 rs. Em Portugal pediam o dobro desta quantia. A camara municipal quiz contractar a compra de cento e cincoenta duzias de foguetes, e porque lhe pediram o dobro de seu valor, recorrem a concurso.

— Pelo paquete «Tyne», chegado antes de hontem do Brazil, soube-se em Lisboa que a casa commercial do Rio de Janeiro, que operava n'aquelle praça sob a firma de *Faria & Irmao*, suspendera os seus pagamentos, em consequencia de se encontrar comprometida com a fallencia das casas commerciaes de Manchester, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro, Roston & Comp.ª, cuja quebra se annunciou ha tempo.

— No proximo domingo abre o theatro de S. Carlos com a opera «Martha».

— Antes de hontem á tarde chegou do Porto o regimento de infantaria n.º 16. Desembarcando no arsenal da marinha, foi acompanhado até ao seu quartel pela banda de musica n.º 11.

— Já se começou a collocar o gradamento da nova praça de Luiz de Camões. Apesar da opinião de alguns noticiarios da capital, achou-a de muito bom gosto. A praça deve ficar bonita nos dias festivos, porque a maior parte do pedestal está completo e é de lindo effeito.

— No domingo houve aqui um lamentavel desastre na praça do Salitre. Estavam dois gymnasticos fazendo o exercicio da perche, o que pegava na vara, sentindo-se queimado nas mãos pelas faiscas do fogo de artificio, ao mesmo tempo que se queimava, largou-a e cahiu dando o de cima uma perigosissima queda. Foi para dentro sem sentidos. São ossos do officio.

— A subscrição promovida no districto de Evora a favor dos asylos da infancia produziu 42\$070 réis, que já foram entregues no ministerio do reino.

A «Nazione» de Florença, á cerca do regio consorcio, diz o seguinte:

«Por occasião do feliz acontecimento do consorcio da princeza D. Maria de Saboya, filha do nosso magnanimo Rei Victor Manoel, a municipalidade quiz fazer um presente a S. M. que lhe recordasse, quando na sua nova patria, toda a affeição que Florença lhe consagra. Foi acertada a idéa que houve de escolher para tal fim o trabalho de uma das artes, que tão celebre tornaram a nossa cidade. O presente consiste n'uma taça feita d'uma só agata. A aza desta taça representa um dragão, e é feita de ouro magistralmente lavrado, com esmaltes preciosos, e dois diamantes que formam os olhos do dragão.

Este trabalho foi executado por Louizi Benevenutti, seguindo para isso o estylo e escola de Benevenuto-Cellini, e podemos dizel-o com affouteza, a obra está aprimorada.

O *ganfaliere*, o sr. marquez Fernando Bartholomeu, foi encarregado de offerecer o presente á princeza, bem como os parabens da nossa cidade, por occasião do casamento de S. M.»

— O abbade Stellardi que foi portador de uma carta da princeza Maria de Saboya ao seu padrinho Pio IX, para lhe participar o seu casamento, regressou a Turin com a resposta do papa e um magnifico presente de nupcias para S. Alteza.

O papa concedeu a necessaria dispensa do parentesco ainda que remoto da princeza Maria Pia com o Rei de Portugal.

O principe Humberto filho primo-genito de Victor Manoel acompanhará sua irmã até Lisboa, indo depois fazer uma viagem á Inglaterra e á Russia.

— O sr. commendador Carlos Adolpho de Quatzow, decano do corpo diplomatico nesta cõrte foi agraciado pelo senhor D. Luiz com o titulo de barão de S. George.

— De uma interessante carta que me escreveu o meu amigo sr. João Christino da Silva, professor da Academia das Bellas Artes de Lisboa extracto os seguintes periodos: — Meu caro Roussado. Fiz uma digressão ás provincias do norte e procurei ver alguns objectos da arte, que existem espalhados e esquecidos n'uma e n'outra cidade até Vianna do Castello. Encontrei alguns quadros dignos do maior apreço, mas em Coimbra vi um magnifico e assigna do por Vasco Fernandes. . . . fiquei maravilhado por ver não só a assignatura do insigne pintor, mas um dos melhores quadros de tio grande mestre, representando o Pentecostes. O outro quadro representa o «Ecce Homo» que lhe faz pendente, sendo a composição mais grandiosa. . . . Ha ainda dois bellos quadros talvez do mesmo pintor, que se tornam muito conhecidos de quem vae a Santa Cruz. . . . Cumpre que o governo tome na devida consideração estes quadros, e mande que ao menos aquelle que está assignado seja removido para a Academia das Bellas Artes de Lisboa, para servir de estudo e poderem classificar-se á vista d'elle outros que se diz serem de Vasco.

— Diz-se que vae ser agraciado com o titulo de conde de Nova Goa o sr. D. Luiz de Castro e Almeida conselheiro natural de Goa.

— Nos reaes festejos o primeiro dia de gala será o da chegada de S. M. a Rainha, destinado para a mesma augusta Senhora receber, a bordo da corveta que a conduz, a visita da familia real.

O segundo será o dia do desembarque de S. M. a Rainha para a sua entrada solemne em Lisboa, e para a celebração das ceremonias da ratificação do real consorcio e bençãos nupciaes.

No terceiro dia á noite tencionam SS. MM. honrar com sua augusta presença o theatro nacional de D. Maria 2.ª

No quarto dia SS. MM. receberão no paço d'Ajuda pela uma hora da tarde as felicitações do corpo diplomatico, e seguidamente as home-

nagens da cõrte, tribunaes, camaras municipaes de Lisboa e Belem, e mais corporações e pessoas que costumam ser admittidas a similhantes solemnidades.

A noite irão SS. MM. assistir á representação lyrica no theatro de S. Carlos.

No quinto dia S. M. El-Rei passará revista a todas as tropas formadas em grande parada no Campo Pequeno.

— Hoje o senhor D. Luiz passou revista no Campo Pequeno á força militar que se acha actualmente em Lisboa.

Hontem partiram para a Africa no vapor «Estephania» 48 praças de batalhão de caçadores n.º 3 os quaes deram fogo contra o major Vasconcellos. Das praças daquelle batalhão ficou uma apenas, e espera-se que esta faça importantes revelações.

MOVIMENTO DA BARRA

Aveiro 30 de setembro Entradas

PORTO=Hiate port. Lialdade, m. M. A. Lebre, 7 pes. de trip., vazio.

IDEM=Hiate port. Razoilo 1.º, m. J. Razoilo, 7 pes. de trip., vazio.

IDEM=Hiate port. Deus Sobretudo, m. J. S. Ré, 6 pes. de trip., lastro.

IDEM=Hiate port. Fenix, m. J. Nunes, 7 pes. de trip., lastro.

IDEM=Hiate port. União, m. S. Chuva, 8 pes. de trip., lastro.

EM 2 DE OUTUBRO

CAMINHA=Hiate por. Novo Atravido, m. M. Marques, 7 pes. de trip., lastro.

IDEM=Hiate port. Nova União, m. J. F. Mano, 7 pes. de trip., lastro.

ANNUNCIOS

O JUDEU ERRANTE

OS MYSTERIOS DE PARIZ (EDIÇÃO PORTUENSE)

Tendo se exgotado a 1.ª edição destes dois popularissimos e interessantes romances, que por si só bastaram para exaltar a reputação de EUGENIO SUE, um dos vultos mais salientes na litteratura franceza; e havendo nós obtido auctorisacão de seus illustres traductores e publicadores para os reimprimir em 2.ª edição, — vamos tentar esta empreza — esperando encontrar no favor publico o valioso auxilio e protecção que ella carece para a sua realisacão.

O formato será identico ao da BIBLIOTHECA DAS DAMAS, e cada volume não conterá menos de seis folhas d'impressão, ou 96 paginas.

A traducção é esmerada, circumstancia valiosa, e pouco vulgar em publicações d'esta ordem.

A publicação principiará pelo JUDEU ERRANTE, a qual encetaremos logo que haja numero sufficiente d'assignaturas que cubra a despesa da impressão.

Preço de cada volume 120 reis, pagos no acto da entrega.

Assigna-se no Porto, no escriptorio do «Arquivo Juridico» e «Bibliotheca», rua do Bomjardim n.º 69, defronte da viella da Netta.

ARCHIVO JURIDICO

Publicação regular da legislação de mais interesse, tanto antiga como moderna.

EDITOR—J. L. DE SOUSA

Publicou-se o n.º 12 da 2.ª serie que contém:

Regulamento dos lyceus; exames de habilitações, e instrucções para estes exames.

Com este numero termina o 3.º volume do ARCHIVO JURIDICO e 1.º da 2.ª serie, por isso se distribue com elle o respectivo indice e frontispicio.

Vende-se e assigna-se no Porto na rua do Bomjardim n.º 69, defronte da viella da Netta, aonde se encontram collecções completas da 1.ª e 2.ª series do ARCHIVO JURIDICO, compreendendo a 2.ª serie a seguinte legislação especial:

— Lei da Desamortisação; — Lei do Sello; — Lei de Transmissão; — Lei do Registo; — Lei da Contribuição Pessoal; — Lei da Contribuição Industrial; — Lei dos Morgados; — Lei da Contribuição Predial; — Lei do Recrutamento; — Lei Eleitoral; — Tabella dos Emolumentos e Salarios Judiciaes; — Lei dos Jurados; — Lei da distribuição dos processos aos escriptaes, — Lei que altera a Reforma Judiciaria; — Lei que concede serventurarios aos escriptaes, tabellães e revedores; — Lei e regulamento do Registo parochial.

Vende-se tambem nas principaes livrarias de Lisboa, Coimbra, Braga e Vianna.

Toda esta legislação é seguida dos respectivos regulamentos, e vende-se em brochuras separadas.

QUADROS D'ALMA

A MULHER ATRAVEZ DOS SEculos

Por Porphyrio José Pereira

Um volume em 8.º grande, br. com o retrato do auctor. — Aha-se á venda em Lisboa, na typographia Universal, rua dos Calafates n.º 110, e nas lojas do costume. — Preço 800 rs.

RESPONSAVEL:—M. C. da Silveira Pimentel

Typ. do Districto de Aveiro.